



# A profecia de Amós como crítica à injustiça social

The prophecy of Amos as a critique of social  
injustice

*Tiago de Fraga Gomes\**

Recebido em: 30/08/2019. Aprovado em: 16/10/2019.

**Resumo:** *O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma breve abordagem teológica da profecia de Amós, refletindo sobre a sua atualidade, sem pretensões exegeticas, tendo em vista a relevância da mesma para todos os contextos sociais em que se contempla a inobservância da prática da justiça em um sentido imparcial e integral. Amós critica uma sociedade corrompida pela desonestidade, que não distribui justiça para todos, em um período de prosperidade econômica e poderio político, de desigualdade social e de injustiça generalizada, de paganismo e de corrupção religiosa, onde os pobres são pisados pelos ricos. Aos olhos de Amós a eleição de Israel não é privilégio, mas significa exigência de fidelidade e de justiça. A injustiça será entendida como caminhar contra o próprio lahweh, protetor dos fracos. Amós pretende abrir os olhos de Israel para a imparcialidade da justiça de Deus, a qual não se contenta com a hipocrisia religiosa de um culto meramente formal e exterior. Deus quer antes a observância do direito e da justiça.*

**Palavras-chave:** *Amós. Culto formal. Hipocrisia religiosa. Injustiça social.*

**Abstract:** *This paper aims to elaborate a brief theological approach of Amos' prophecy, reflecting on its actuality, without exegetical pretensions, in view of its relevance to all social contexts in which the non-observance of the practice of justice is contemplated in an impartial and integral sense. Amos criticizes a society corrupted by dishonesty, which does not distribute justice to all, in a period of economic prosperity and political might, social inequality and widespread injustice, paganism and religious corruption, where the poor are trampled by the rich. In the eyes of Amos, the election of Israel is not a privilege, but a require-*

\* Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, com período sanduíche pela Ruhr-Universität Bochum, RUB, Alemanha. Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015). Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007). Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012; e Pontifícia Università Lateranense, Roma, 2012).

E-mail: tiago\_mail@yahoo.com.br



*ment of faithfulness and justice. Injustice will be understood as walking against Yahweh himself, protector of the weak. Amos intends to open Israel's eyes to the impartiality of God's justice, which is not content with the religious hypocrisy of a merely formal and outward worship. God wants rather the observance of law and justice.*

**Keywords:** Amos. Formal worship. Religious hypocrisy. Social injustice.

## Introdução

Refletir sobre grandes testemunhos certamente inspira boas práticas. A respeito de Amós não é diferente. Amós é um dos profetas mais importantes e paradigmáticos do Antigo Testamento. Insere-se na época dos profetas clássicos, no séc. VIII a.C. Amós é autor da primeira das grandes profecias escritas. Além disso, o seu livro é considerado o primeiro da Sagrada Escritura a ser posto mais ou menos na forma em que se encontra atualmente. Como o primeiro dos profetas canônicos, Amós apresenta ao mundo os princípios eternos de justiça, válidos para todas as épocas da história. Profeta pioneiro, radical e exemplar, divisor de águas na história da profecia veterotestamentária, exerce uma tremenda influência sobre outros profetas literários. Amós viveu em torno do ano 750 a.C. nas proximidades de Tecoa, um pequeno povoado em uma região de colinas situado a 18 km de Jerusalém e a 9 km de Belém, mas pregou no Reino do Norte. Provavelmente Amós não pregou muito, mas o que disse foi o suficiente para que se fizesse perceber o seu conhecimento a respeito dos problemas de Israel e de Judá, bem como das nações vizinhas. É possível afirmar pelo conteúdo de seus escritos que Amós é um homem corajoso, com convicções fortes. De modo semelhante aos grandes reformadores religiosos da história humana, Amós é fruto de seu tempo, mas ultrapassa-o.<sup>1</sup>

Para compreender um profeta, é necessário inteirar-se do contexto em que este elabora o seu pensamento. Como pastor nas colinas de Judá, seguramente Amós teve muito tempo para pensar e refletir. Durante as suas viagens a Betel para vender ovelhas, é provável que tenha observado as condições corruptas da cidade, onde os ricos extorquiam e oprimiam os pobres e a extravagância integrava as celebrações a Iahweh. Ao re-

<sup>1</sup> Cf. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 474; REIMER, Haroldo. *O antigo Israel*, p. 190-194; SLOAN, W. W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 217; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 10; MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 51; SANTANA, Aparecido Neris. *A questão social em Amós à luz dos povos*, p. 40; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 7; *Id. Ibid.*, p. 16.



gressar ao campo, Amós certamente meditava com profundidade sobre o que tinha acabado de ver, pensando como aquilo era contrário à vontade de Deus. Como Deus permitiria que a corrupção andasse impune? Era preciso despertar o povo para a punição e a destruição dos israelitas antes que fosse tarde demais. Mas ninguém estava interessado em tal tarefa. Amós se convenceu, então, de que ele mesmo deveria ser o porta-voz de Deus, um mediador entre Deus e seu povo, a fim de interpelar o povo sobre o rompimento da Aliança, convidando-o à conversão, sob o risco de um castigo iminente.<sup>2</sup>

Amós poderia ser definido como o *profeta da justiça*, pois concentra os seus anátemas especialmente sobre a questão da injustiça social num ambiente de prosperidade econômica. Durante este período, a fartura vivenciada por Israel inflou o seu orgulho e alimentou a sua arrogância, sendo ocasião para a multiplicação de injustiças sociais, de corrupção nos tribunais, de abundância e luxo dos ricos ao custo da opressão dos pobres e indefesos. Amós observa uma religião corrupta que se julga no direito de ganhar os favores divinos através de ofertas, dízimos e sacrifícios religiosos. Mesmo quando denuncia o culto, Amós não o faz porque o povo tenha se desviado das rubricas do ritual prescrito, mas porque coloca juntos rito e alienação, prece e opressão, incenso e injustiça. A palavra *tsaddiq*, traduzida como *justo*, deriva da raiz hebraica *tsdq* que significa *ser retilíneo*, implicando na existência de uma norma. As palavras *tsedeq* e *tsedaqah*, consecutivamente traduzidos como *justiça* e *retidão*, têm como sentido básico *não se desviar do padrão*, seja esse ético, forense ou teocrático. Portanto, no linguajar veterotestamentário, ser justo diz respeito à prática da justiça ou da retidão nos relacionamentos, perante a lei e na obediência à Lei de Deus.<sup>3</sup>

Tendo em vista essa visão integral de justiça, os profetas anteriores haviam falado de reforma. Porém, a partir de agora, Amós considera que isso não é mais possível pelo fato de que tudo está podre. A catástrofe é inevitável. Israel é como um cesto de frutos maduros para o seu fim (*Am* 8,1-3). Como o primeiro dos profetas clássicos, Amós é o exemplo típico de mensageiro que anuncia aquilo que vai acontecer. O fim de Israel está próximo por ter se afastado dos caminhos de Deus. Tal é a

<sup>2</sup> Cf. SANTOS, Jeová Rodrigues dos. *A importância do movimento profético diante da injustiça em Israel*, p. 176; SLOAN, W. W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 218; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 77-78.

<sup>3</sup> Cf. CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 25; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 23; STIGERS, Harold G. *"Tsadeq, ser justo, ser reto"*, p. 1262.



mensagem relativa ao futuro. Essas ameaças de uma catástrofe iminente são típicas da profecia que emerge em um tempo de crise moral. O tema da crítica à injustiça social elaborado por Amós, abrange todas as áreas importantes da vida, atacando uma sociedade que não distribui justiça para todos. Segundo Amós, Iahweh conduziu a todos igualmente para a liberdade, por isso, a justiça não é parcial e deve ser aplicada a todos. Amós denuncia o pecado social das elites israelitas que indubitavelmente serão condenadas porque “vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias” e porque “esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres” (*Am 2,6-7*). Segundo Amós, esses são atos abomináveis contra o próprio Iahweh, protetor do seu povo.<sup>4</sup>

A situação sócio-política do Norte, com a subida ao trono de Joás e Jeroboão II, muda para o esplendor, com conquistas, comércio, prosperidade e luxo. É uma época de expansão e riqueza. Mas isso gera um estado de desigualdade social acentuada: contraste entre um Estado rico e uma elite abastada, e cidadãos pobres, ou seja, uma realidade popular no inverso do esplendor das elites. Nessa época, o sangue e o suor dos pobres são o combustível que movimenta o expansionismo estatal. A riqueza e o luxo dos grandes são um insulto à miséria dos oprimidos. A denúncia de Amós se dirige às injustiças, empréstimos usureiros, ambição em pesos e medidas, suborno de juízes (*Am 4,1-3; 5,7.10-11; 6,1-7; 8,4-8*). É também época de corrupção religiosa, de uma religião manchada, sincretista, com ritualismos que pretendem comprar Iahweh. A Aliança se converte em letra morta. O esplendor do culto esconde a ausência de uma autêntica religião. No fundo, as manifestações da decadência religiosa israelita da época expressas como avareza, soberba, corrupção, hipocrisia e injustiça resultam de um entendimento equivocado do caráter de Iahweh. Amós pretende denunciar a prática fútil e cerimoniosa de uma religião carregada de iniquidade e mostrar que a justiça de Iahweh exige a prática da retidão em um sentido integral.<sup>5</sup>

A profecia de Amós aparece neste contexto de prosperidade econômica e poderio político, desigualdade social e injustiça generalizada, paganismo e corrupção religiosa, onde os pobres são pisados pelos ricos.

<sup>4</sup> Cf. WOLFF, Hans Walter. *Bíblia, Antigo Testamento*, p. 84; SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE, José Luís Diaz. *Profetas*, p. 58.

<sup>5</sup> Cf. DREHER, Carlos Arthur. *Os exércitos do Reino do Norte*, p. 261; SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras*, p. 22; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 27.



Amós denuncia a vida confortável e luxuosa das elites, que conjuga injustiças e opressões com um culto vazio e formalístico, temperado por uma presunçosa e tranquila segurança de si. Para Amós, é exatamente isso que Iahweh abomina. A força é usada mais que o direito. Pessoas inocentes perdem a liberdade por serem consideradas devedoras de seus pais falecidos. Os pobres são obrigados a se vender por causa de uma dívida mínima. Uma imoralidade desenfreada desonra jovens mulheres indefesas. Os círculos dirigentes residentes em Samaria acumulam suas riquezas nos palácios usando-se de violência e opressão (*Am 3,9-12*). As classes poderosas nadam no luxo e realizam festas rumorosas à custa daqueles que são por elas explorados (*Am 6,1-3.6; 4,1*). Práticas comerciais iludem os compradores com balanças alteradas, mercadorias de qualidade inferior e preços exorbitantes (*Am 8,4-6*). A sociedade está corrompida pela desonestidade. Em matéria de prosperidade, quem arca com as maiores despesas é sempre o mais pobre. Amós denuncia que o luxo dos ricos é sinal de sua indiferença e de seu orgulho em relação aos necessitados, indefesos e marginalizados. Amós vê o fim de Israel causado pela ambição de alguns poderosos que destroem as instituições livres feitas para todos.<sup>6</sup>

O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma breve abordagem teológica da profecia de Amós, sem pretensões exegéticas, tendo em vista a relevância da mesma para todos os contextos sociais em que se contempla a inobservância da prática da justiça em um sentido imparcial e integral. Como movimento de argumentação, seguir-se-á os seguintes passos: teologia de Amós e horizonte de sua profecia; julgamento das nações vizinhas de Israel e do próprio Israel; figura emblemática das vacas de Basã; procurai o Senhor Iahweh e vivereis; hipocrisia religiosa e culto formal; perspectivas de restauração. Ao final, pretende-se concluir com uma reflexão sobre a atualidade da profecia de Amós para os dias de hoje.

## 1 Teologia de Amós e horizonte de sua profecia

A teologia de Amós destaca-se no mundo da literatura como sendo representante de uma mentalidade, além é claro, de ser uma mensagem constitutiva da vida do povo. Como profeta da Palavra, Amós tem consciência de que Deus fala e age através dele. O seu conceito de Deus resulta de sua comunhão entranhada com o Espírito do Senhor. A

<sup>6</sup> Cf. BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 29-30; SILVA, Aldina da. *Amós*, p. 11.



teologia de Amós tem um valor permanente por enfatizar que a religião verdadeira não pode ser divorciada das circunstâncias históricas e sociais da vida das pessoas. Amós não é um profeta profissional, elemento do sistema governamental régio. É um profeta que condena a injustiça social generalizada, denunciando a cobiça desmedida dos poderosos que aumentam seus privilégios prejudicando os pequenos e traficando com as necessidades do povo. Enquanto profecia de condenação, a crítica de Amós contrapõe-se a uma ordem social, política e econômica injusta que abusa da condição dos simples, violentando e oprimindo a população empobrecida. Essa realidade absurda está baseada, segundo Amós, na corrupção moral e na hipocrisia religiosa. Amós expõe a teologia falsa de seus contemporâneos, responsável por sustentar um *status quo* de corrupção moral na sociedade de seu tempo.<sup>7</sup>

Para Amós, a justiça humana e a justiça divina estão conectadas, privilégios acarretam maior responsabilidade, indivíduos e povos têm a obrigação de viver de acordo com o conhecimento de que dispõem e culto sem moral não tem valor algum diante de Deus. Amós se recusa a ser considerado como um profeta de corte, vassalo do poder político-religioso. Sua profecia vem da margem, da periferia. O conteúdo e o objeto de sua pregação são a Aliança, a eleição e a incoerência de Israel com a sua identidade. Amós pretende mostrar que a prosperidade experimentada como contraste entre a vida devassa das elites e a necessidade das classes empobrecidas não pode ser ratificada por uma religião formal e presunçosa, descomprometida com o direito e a justiça, sendo exatamente isso a base para o julgamento divino e o iminente castigo. Segundo Amós, a *cólera de Deus* será a expressão desse julgamento, como justiça que não é conivente com o pecado, sendo ilusão pensar que Iahweh se contenta com um culto puramente externo. Sendo assim, pelas violações do direito e da justiça, Israel e os outros povos preparam a sua própria perdição e o *dia de Iahweh* será obscuro. Talvez nesse dia Iahweh tenha compaixão do *resto de José* (*Am* 5,15; 9,11).<sup>8</sup>

Um dos aspectos mais importantes da mensagem profética em geral, e de modo especial da profecia de Amós, é com toda certeza a denúncia dos problemas sociais e o esforço por tornar a sociedade mais

<sup>7</sup> Cf. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*, p. 52; SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras*, p. 17; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 34-35.

<sup>8</sup> Cf. MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 54; LACY, J. M. Abrego. *Os livros proféticos*, p. 70; BORN, A. Van Den (Org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 66.



justa. Amós se compromete conscientemente com uma denúncia que pode custar-lhe a vida. Alguns dos temas que se destacam em sua teologia são: a questão da injustiça social entendida como caminhar contra Deus, ou seja, a injustiça como um pecado teológico; o culto hipócrita prestado à falsidade e às aparências; a falsa esperança com relação à eleição, que longe de ser um privilégio, é uma responsabilidade. O livro de Amós resulta de uma espécie de mosaico de diferentes gêneros proféticos: uma narração, cinco visões, uma grande variedade de oráculos, avisos, “ais”, doxologias, etc. Contudo, percebe-se que a grande motivação por trás da profecia de Amós está ligada aos sintomas gritantes da decadência social de sua época: riqueza concentrada nas mãos de poucos; opressão dos pobres; religião cerimoniosa inspiradora de uma atmosfera confortável de farisaísmo. Sendo assim, para Amós, apenas uma mudança radical de conduta seria capaz de proporcionar a salvação a Israel (Am 5,4-6.14).<sup>9</sup>

O livro de Amós pode ser dividido em quatro partes principais: *Am* 1,3-2,16: oráculos contra as nações estrangeiras, culminando com o oráculo contra Israel, apresenta Deus como o defensor da justiça em todas as nações; *Am* 3,1-6,14: oráculos contra Israel, denuncia as injustiças, o falso culto, o luxo da classe alta samaritana; *Am* 7,1-9,10: cinco visões que progressivamente anunciam o fim do Estado culpado; *Am* 9,11-15: anúncio de restauração, numa linguagem messiânica, do Reino davídico e de sua felicidade no futuro. Sabe-se que o livro provavelmente foi editado várias vezes, com alterações e acréscimos, não sendo uma reprodução fiel do que Amós disse a 2.700 anos. Por exemplo, no versículo introdutório o editor quis que os leitores soubessem quando Amós pregou, então afirma quem era o rei no Norte e no Sul. Para ser ainda mais específico, diz que Amós pregou dois anos antes do terremoto, um acontecimento que na sua opinião era inesquecível. A respeito do conteúdo do livro de Amós, é necessário compreendê-lo dentro do contexto histórico que o suscitou, no caso o milagre econômico vivido pelo Reino do Norte e a situação política de sua época, a fim de superar toda forma de fundamentalismo e manter uma postura crítica.<sup>10</sup>

O contexto em que foi escrito o livro de Amós remete ao governo do rei Jeroboão II (787-747), último da dinastia dos ninsidas digno de

<sup>9</sup> Cf. SICRE, José Luís Diaz. *Profetismo em Israel*, p. 357; Cf. Id. *A justiça social nos profetas*, p. 50; HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia*, p. 276-277.

<sup>10</sup> Cf. SLOAN, W.W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 218; ZILLES, Urbano. *A Bíblia e a ciência*, p. 21.



menção. Nessa época, Israel experimentou novamente um período de grande florescimento. Sem sentir ainda os efeitos da expansão imperial que estava ocorrendo desde o ano 900 a.C. na Assíria, o Reino de Israel vivia na calma, em paz com as outras nações, reinando interiormente o bem-estar e grande prosperidade econômica (2Rs 14,23-29). Amós não possui um plano sistemático de reformas sociais, muito menos propõe uma revolução. Apenas critica e condena uma sociedade onde falta conversão moral e religiosa perante Iahweh, vigorando o egoísmo e o bem-estar das classes dominantes ao custo da injustiça aos menos abastados. Amós se defronta com uma realidade exigente, contrapondo-se a um Estado vigoroso e bem-sucedido. Provavelmente sua análise crítica enfrentou resistências até mesmo diante da opinião pública que não era unânime e que se detinha na superficialidade da realidade, observando apenas o esplendor econômico. No entanto, Amós era a voz que ecoava a realidade do povo simples, no inverso do esplendor das elites, emergindo daí toda a pertinência da sua pregação. Amós faz ver que algo está errado e que os responsáveis pela injustiça não passarão impunes diante de seus crimes. Segundo Amós, os culpados serão julgados e condenados.<sup>11</sup>

## 2 Julgamento das nações vizinhas de Israel e do próprio Israel

Israel pensava que, por ser o povo eleito, o poder de Deus sobre si seria apenas benéfico. Amós censura essa mentalidade, denunciando os pecados de Israel. Para Amós, a mesma lei moral impõe-se a todos os seres humanos, indistintamente. No entanto, Amós observa que quanto mais a injustiça se dissemina na sociedade, mais a consciência se torna frágil e corrompida, sendo enfraquecidos o sentido moral e a autocrítica. A justiça de Iahweh castiga em todos os povos qualquer tipo de injustiça, conforme vê-se nos oito oráculos pronunciados contra as nações vizinhas de Israel (*Am* 1,3-2,16). Israel vem em último lugar para mostrar que o castigo que Israel não esperava o atingirá como os outros, e será a manifestação suprema da justiça divina. Ao criticar as nações vizinhas, Amós pretende chamar a atenção sobre a sua mensagem. Essas nações vizinhas deveriam ser punidas pela crueldade no trato com os israelitas, mas aos poucos Amós chega ao ponto nevrálgico: os israelitas também

<sup>11</sup> Cf. DONNER, Herbert. *História de Israel*, p. 326; CHARPENTIER, Etienne. *Para uma primeira leitura da Bíblia*, p. 328; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 35; SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras*, p. 16; *Id. Ibid.*, p. 22.





deveriam ser punidos, pois rejeitaram a Lei do Senhor. Provavelmente, o povo de Israel, mergulhando em seu nacionalismo exagerado, ouviu com alegria a condenação dos pecados de seus vizinhos, sem se dar conta do alcance ético da mensagem profética, caindo no desapontamento diante da condenação severa de seus próprios delitos. Nesse sentido, a profecia de Amós é uma advertência aos povos de todas as épocas da história onde quer que se operem injustiças sociais.<sup>12</sup>

Os oráculos contra as nações são elemento habitual da pregação profética (*Is* 13-23; *Jr* 46-51; *Ez* 25-32). Incluindo Israel, Amós provoca a estupefação e a cólera de seus ouvintes, indignados por serem iguados aos pagãos. Israel comete os mesmos pecados que outros povos, e sendo o povo eleito, tem maior responsabilidade. Iahweh, o soberano Senhor do mundo, que castiga todas as nações por causa de seus pecados (*Am* 1-2), castigará duramente Israel, cuja eleição obriga-o a uma justiça moral mais profunda (*Am* 3,2). O dia de Iahweh será de trevas e não de luz (*Am* 5,18). A vingança será terrível (*Am* 6,8). Amós abala a segurança que a experiência da eleição dava a Israel. O culto, o direito, as conquistas, a prosperidade e o luxo eram vistos como sinais dessa eleição. Amós, além de deslegitimar essa ideologia, declara que o autêntico valor da justiça e do direito estão na correta relação com Deus e na correta relação com o próximo. Aos olhos de Amós, a eleição de Israel não é privilégio (*Am* 9,7), mas significa para o povo exigência de fidelidade. Amós apresenta uma interpretação espantosa e contrastante da eleição em relação ao senso comum de seus compatriotas. Para o povo de Israel, era repugnante o anúncio de que Israel, o povo escolhido de Deus, estaria sujeito ao mesmo julgamento que os povos vizinhos, os quais não reconhecem Javé como seu Deus, mas adoram a Baal e outros deuses. Amós, porém, invoca o princípio segundo o qual privilégios especiais implicam em maiores responsabilidades. Diante da certeza de que o povo estava convencido de que o seu Deus se interessava especialmente pelo povo de sua escolha, é significativo que Amós não use a expressão em sua profecia.<sup>13</sup>

Amós afirma que até mesmo a Assíria e o Egito, os dois grandes vizinhos e inimigos de Israel, seriam tomados como testemunhas das numerosas faltas que se realizam nos palácios de Samaria (*Am* 3,9-10),

<sup>12</sup> Cf. BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 32; SLOAN, W.W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 219; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 62.

<sup>13</sup> Cf. BALANCIN, Euclides; STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Amós*, p. 18; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 40; *Id. Ibid.*, p. 74.



sendo a sua injustiça a causa da sua destruição (*Am* 3,11). “Amós realça que nada acontece neste mundo sem uma causa. Quando a Assíria destrói Israel, a causa está nos pecados de Israel e não na fraqueza de Iahweh.”<sup>14</sup> Nesse sentido, é preciso frisar que na Sagrada Escritura os palácios geralmente representam a suntuosidade, o poder, a riqueza material, a ostentação, a altivez, e especificamente nos profetas, representam aquilo que é muitas vezes contrário a Deus (*Os* 8,14), causa de injustiça (*Mq* 3,10) e de orgulho (*Am* 6,8). De modo geral, a atitude profética é negativa diante do que o palácio representa por considerá-lo como uma perversão do exercício do poder. A injustiça social cometida pelos ricos que violentam o direito do pobre, dos socialmente fracos, a prepotência dos governantes e poderosos da sociedade, são atitudes condenadas por Amós, pois, de acordo com ele, são precisamente os ricos, os governantes e os poderosos que deveriam ser os protetores dos fracos ao invés de serem seus opressores. A injustiça, como pecado teológico, será entendida por Amós como uma afronta ao próprio Iahweh, verdadeiro Rei de Israel e protetor dos fracos, e como uma corrupção de sua fidelidade à Aliança.

### 3 Figura emblemática das vacas de Basã

Os profetas denunciam que a riqueza quase sempre é de origem injusta. Os profetas criticam especialmente um estilo de vida de ostentação onde se esquece de Deus. Segundo uma interpretação tradicional, a figura emblemática das vacas de Basã utilizada por Amós refere-se às mulheres ricas de Samaria que ocupavam o tempo com luxuosos banquetes e estavam entre os responsáveis pela opressão e exploração dos pobres. Em sua arrogância e avareza incitavam os seus maridos a oprimir os pobres e a esmagar os necessitados a fim de satisfazer as suas vaidades extravagantes. Assim Amós elabora a sua crítica contra as mulheres de Samaria, representantes da alta classe: “Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais sobre o monte de Samaria, que oprimis os fracos, esmagais os indigentes e dizeis aos vossos maridos: ‘trazei-nos o que beber!’” (*Am* 4,1). De acordo com Amós, a penalidade contra elas será muito dura, proporcional aos seus pecados: “O Senhor Iahweh jurou por sua santidade: sim, eis que virão dias sobre vós em que vos carregarão com ganchos, e, o que sobrar de vós, com arpões. E saireis pelas brechas que cada uma tem diante de si, e sereis empurradas em direção ao Hermon”

<sup>14</sup> SLOAN, W. W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 220.



(*Am* 4,2-3). Basã, na Transjordânia, era célebre pela fertilidade do solo e pelas suas pastagens e rebanhos. No *SI* 22,13, os touros de Basã são o símbolo da força violenta; aqui as vacas de Basã são o símbolo do espírito gozador e da boa vida das mulheres de Samaria, representando o poder, a riqueza e a opulência.<sup>15</sup> Quando Amós denuncia o pecado das elites, ainda diz que Deus não está interessado nos seus altares e celebrações, tanto que permitiria a sua destruição implacável.<sup>16</sup>

*Am* 4,1-3 é um oráculo de juízo, tem a pretensão de julgar, apresenta uma culpa e aponta o castigo. “Ouvi” comprova esse teor. A culpabilidade está expressa em três elementos: “oprimis”, “esmagais” e “beber”. São atividades onde se passa bem tirando vantagem sobre aquele que passa mal. “Ouvi” é uma invocação que indica castigo. Existe o anúncio de um castigo traduzido pelo desterro com imagens muito duras: “vos carregarão com ganchos, e, o que sobrar de vós, com arpões” (*Am* 4,2). A imagem das “vacas de Basã” é um insulto irônico, com impostação social, às mulheres dos potentados, dentro de um contexto de opressão em que os poderosos mantêm um estilo de vida que sustenta e administra um *status quo* injusto. Amós não trabalha com conceitos abstratos. Denuncia crimes concretos: a forma como os poderosos desprezam os pobres e os fracos, pisoteando os seus direitos (*Am* 5,11) e manipulando a aplicação das leis de forma parcial. “Maltratar” e “esmagar” são ações que os potentados têm em relação aos pequenos do povo. Em *Pr* 14,31, 22,16 e 28,3 “oprimir o fraco” traduz o verbo “maltratar”, significando um ultraje ao Criador. O verbo conjuga o contexto dos que vivem do trabalho alheio, que maltratam e exploram, oprimindo o assalariado pobre (*Dt* 24,14), semelhante a tirar o sustento do trabalho alheio pela espoliação e exploração, aproximando-se do “roubam” de *I Sm* 12,13.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Nesse contexto, a imagem do touro representa o poderio. Os maridos das vacas de Basã são os senhores, representantes de uma realidade opressora. Suspeita-se que o profeta Amós nem tenha visto as mulheres, mas apenas os seus maridos, os senhores, que tomavam os bens e o trabalho dos pobres. Amós refere-se assim a uma esfera de poder injusto que sustenta uma atitude de despreocupação sarcástica simbolizada pelo vinho. A arrastar com ganchos lembra um castigo cruel, e os arpões servem para acabar com o resto. Não restará nada como sinal de destruição. O Hermon, na fronteira norte, divisa com a Assíria, é a porta de entrada do invasor, indicando o destino terrível do aniquilamento final que espera essas elites.

<sup>16</sup> Cf. MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 56; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 88; SLOAN, W.W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 220.

<sup>17</sup> Cf. SICRE, José Luís Diaz. *Com os pobres da terra*, p. 133.



Para entender o que Amós afirma, em *Mq* 2,1-2, lê-se o seguinte: “Ai daqueles que planejam iniquidade e que tramam o mal em seus leitos! Ao amanhecer, eles o praticam, porque está no poder de sua mão. Se cobiçam campos, eles os roubam, se casas, eles as tomam; oprimem o varão e sua casa, o homem e sua herança.” Miquéias se refere aos que vivem do trabalho do outro, causando a ruína alheia. Há aqui uma clara referência à exploração daqueles que, para sobreviver, se veem obrigados a vender as suas terras e a se empregarem em terras alheias, ou até mesmo, a se venderem como escravos, para pagar as suas dívidas, perdendo, dessa maneira, os seus direitos e a sua liberdade. O “esmagam” em *Jz* 9,53 traduz a atitude perversa de aniquilar, triturar, reduzir ao pó: assim fica o pobre, vítima da maquinação dos poderosos. O “beber” é o brindar sem preocupação, é o festejar, fazendo alguma ressonância aos cultos cananeus dos ritos de fertilidade. O vinho e a festa, frutos da injustiça, a despreocupação com a situação social por parte dos opressores, aqueles que, como diz o ditado popular, estão “por cima da carne seca”, são os que a crise não atinge. É a essa alta classe social, detentora de amplo poder predatório e ofensivo, que Amós se dirige, lançando a sua crítica.<sup>18</sup>

#### 4 Procurai o Senhor lahweh e vivereis

Amós foi um crítico sagaz de uma realidade social injusta. Como oponente de uma situação de pecado conjuntural e estrutural, denunciou a opressão dos pobres e humildes, das pessoas simples do povo, bem como uma religião alienante. Amós não critica apenas as pessoas corruptas, mas todo um sistema político-religioso que torna as pessoas corruptas. Em *Am* 5,1-17, detecta-se uma estrutura concêntrica (quiasmo), onde Amós não vacila em apresentar ao povo a mensagem do Senhor, muito embora a proclame com tristeza.<sup>19</sup>

- a) *Am* 5,1-3: lamento.
- b) *Am* 5,4-6: procurai o Senhor e vivereis.
- c) *Am* 5,7: pecados sociais.
- d) *Am* 5,8-9: hino, invocação (núcleo, chave de leitura).
- c') *Am* 5, 10-13: pecados sociais.
- b') *Am* 5, 14-15: exortações: buscai... e vivereis.
- a') *Am* 5,16-17: lamento.

<sup>18</sup> Cf. SILVA, Aldina da. *Amós*, p. 11.

<sup>19</sup> Cf. MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 57-58; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 104.



Mais especificamente em *Am 5,10-12* é explanada a natureza desses pecados sociais:

- a) *Am 5,10*: não há justiça nos tribunais.
- b) *Am 5,11*: opressão dos pobres.
- b') *Am 5,12a*: opressão dos pobres.
- a') *Am 5,12b*: não há justiça nos tribunais.

O profeta Amós faz uma lamentação sobre Israel, o desastre será grande, a esperança de salvação não é considerada aqui em vista do tamanho da catástrofe. A exortação é a de que sem conversação não há salvação. Iahweh fala à casa de Israel: “Procurai-me e vivereis” (*Am 5,4*). Mas procurar o Senhor não no santuário, não de maneira estrutural. Amós proclama que a única procura autêntica de Deus acontece através da prática do bem e não do mal (*Am 5,14*). Ela conduz à vida (*Am 5,3.6*). Entre o louvor a Deus que “transforma as trevas em manhã” (*Am 5,8*), Amós denuncia os pecados sociais do povo e dos poderosos, que sempre termina com a invocação “procurai o bem e não o mal para que possais viver, e, deste modo, Iahweh, Deus dos Exércitos estará convosco” (*Am 5,14*). Os “ais” de *Am 5,16*, dizem respeito à iminência do castigo, resultado das transgressões de Israel. A expressão “procurai-me e vivereis”, única em todo o Antigo Testamento, não diz respeito à vida futura ou à vida espiritual, mas à sobrevivência de Israel. A frequência do povo aos santuários cananeus a fim de obter a fecundidade da terra e do gado era considerada uma prostituição aos olhos do profeta às divindades falsas, misturando o culto às divindades cananeias ao culto a Iahweh. Para Amós, esse tipo de religiosidade sincretista e mágica desvincula-se de uma procura existencial e efetiva do bem. É significativo o paralelismo entre “procurai-me e vivereis” e “procurai o bem e não o mal, para que possais viver”: em Amós, religião e moral estão intimamente vinculadas.<sup>20</sup>

Amós apontou para grandes castigos, pois o povo estava afastado de Deus apesar das ameaças a ele dirigidas. Amós aponta para uma desgraça ainda maior, pois a maior parte do povo seria destruída. Mas há esperança para os que deixarem de buscar a Deus em cerimônias hipócritas e estéreis, para os que viverem pela justiça e pela retidão, esses poderão ser salvos. Aos olhos do profeta, muitos odeiam a verdade, têm casas boas e vinhas proveitosas, mas não terão a oportunidade de gozar de tudo isso. Amós aconselha a buscarem o bem e a deixarem o mal. Se

<sup>20</sup> BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 92-93.



assim fizerem, Deus lhes será mais gracioso. Mas quanto aos demais, em toda parte haverá pranto e lamentações. Israel aguardava ansiosamente o *dia de Iahweh* (*Am* 5,18-20), quando Iahweh se estabeleceria como autoridade suprema. No profetismo israelita o dia de Iahweh é o dia do julgamento e da destruição dos pecadores e da salvação dos arrependidos. Há, por parte de Amós e dos profetas, uma forte convicção de que a justiça divina nunca deixa de operar na história. O dia de Iahweh, para Amós, será de trevas e de desventuras, no qual Iahweh passará no meio de Israel (*Am* 5,17) julgando-o. Os israelitas esperavam Iahweh nesse dia seria terrível apenas aos inimigos de Israel, o que provaria ser Iahweh o Deus mais poderoso. No entanto, Amós prega que o dia de Iahweh não seria o dia da promoção do sentimento nacionalista de Israel, mas o dia da promoção da justiça, dia em que Iahweh intervirá com sua ira contra Israel endurecido em seu pecado: dia de trevas, de lágrimas, de massacre e de terror, dia em que o mais corajoso entre os heróis fugirá nu (*Am* 2,16), dia de escuridão e luto (*Am* 8,9-10.13).<sup>21</sup>

Na visão de Amós, Israel, por causa da sua infidelidade, tinha perdido o direito de ser o representante de Iahweh entre as nações. Por isso, ao invés de triunfar, no dia de Iahweh Israel deverá ser castigado e entregue aos seus inimigos. Assim, Iahweh, em sua justiça, ficará vindicado perante Israel e perante as nações. Outras nações também serão punidas no dia de Iahweh, não meramente por serem inimigas de Israel, mas por transgredirem a lei moral do Senhor de todas as nações. Amós desconstrói a ideologia da segurança político-religiosa dos fortes de Israel, tratando o dia de Iahweh como o dia de punição pela prática da imoralidade e da injustiça. Este desenvolvimento da doutrina a respeito da justiça divina que supera os limites estreitos do nacionalismo israelita resultou de um conhecimento aprofundado de Amós a respeito do caráter não manipulável de Iahweh. Amós com sua profecia quer fazer o povo perceber que o dia de Iahweh é o dia do triunfo do reinado da justiça entre todos os povos do mundo, e que Israel, para não perecer nesse grande e terrível dia, precisa se arrepender de seus erros e procurar ser fiel à Aliança, para então, fazer parte das promessas de Iahweh. A profecia de Amós pretende abrir os olhos de Israel para a imparcialidade da justiça divina.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Cf. BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 80; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 120; *Id. Ibid.*, p. 181.

<sup>22</sup> Cf. CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 121; MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 58.



## 5 Hipocrisia religiosa e culto formal

Amós levanta-se contra a hipocrisia religiosa do culto formal, pois compreende que a forma da oração decorre do modo como se compreende Deus. Amós compreende que Deus não é uma potência impessoal que pode ser manipulada com sacrifícios, ritos e preces mágicas, mas é um Ser pessoal empenhado em um diálogo sincero. Segundo a profecia de Amós, Deus deseja uma liturgia existencialmente autêntica, sendo assim, condena uma liturgia desligada da vida e de um empenho verdadeiro e honesto. Amós critica o formalismo e a negligência de uma religiosidade que perdeu o senso de vivência da verdade. Para ele, o puro ritualismo insulta a Deus e geralmente segue-se de um declínio das relações humanas. Sendo assim, é preciso que haja uma coerência entre liturgia e vida, pois de uma liturgia puramente exterior não podem brotar os frutos do direito e da justiça. No entender de Amós, muitos acreditam estar em paz com Deus porque realizam certos ritos, tais como ofertas, sacrifícios e jejuns, contudo, desprezam os preceitos mais elementares da justiça e do amor ao próximo, sendo isso uma abominação que suscita a ira do Deus da justiça. Nesse sentido, o culto falso é aquele que não atinge o coração, mas que privilegia o exterior. Na perspectiva de Amós, o culto que agrada a Iahweh é o que provém do interior. Deus quer antes a observância do direito e da justiça. Por isso, Amós vai afirmar que mais vale fazer o bem do que peregrinar a santuários (*Am* 4,4-5; 5,4-5.21).<sup>23</sup>

Amós também critica a falsa segurança dos grandes e nobres e as suas práticas abomináveis (*Am* 6,1-7), eis que o castigo será terrível (*Am* 6,8-14). A eleição de Israel não torna Deus um instrumento manipulável, mas é uma exigência de fidelidade, e pode virar motivo de condenação (*Mq* 3,9-11). A própria eleição será a base jurídica para o julgamento divino (*Am* 3,2; 4,12; 9,4.8). Em suas visões, Amós exporá uma espécie de fotografia de sua consciência profética, a fim de apresentar a verdade religiosa e o ensinamento moral pela plasticidade dos símbolos adaptados à compreensão popular. Em suas visões, Amós deixa claro que é o Senhor que toma a iniciativa, operando no espírito do profeta o entendimento do julgamento divino. Nesse sentido, as visões permitem compreender a mensagem profética e refletir sobre a profunda experiência de Deus que o profeta viveu e a atitude que ele adotou em sua pregação. As visões devem ser analisadas em sua globalidade, para então, se perceber o significado

<sup>23</sup> Cf. BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 37; *Id. Ibid.*, p. 49; NORDEN, Rudolph F. *Amós*, p. 8; CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 71.



progressivo e dinâmico de seu conteúdo. De um castigo que parece sem justificação (gafanhotos, seca) passa-se a revelar a corrupção do povo (fio de prumo, figo), tornando-se inevitável a catástrofe: a *conquista de Samaria*<sup>24</sup> pelas tropas assírias e a consequente deportação (das elites).<sup>25</sup>

Sobre a primeira visão, Amós se refere a um sistema em que a primeira colheita dos agricultores hebreus era considerada um imposto, a “ceifa do rei” (*Am* 7,1), a ser dada ao governo. A última colheita pertencia ao povo. Amós disse que, na sua visão, viu Deus criando gafanhotos que comeriam toda a última colheita, de tal maneira que o povo comum não teria nada para se alimentar, mas ele, Amós, levou Deus a cancelar tal castigo. Da mesma maneira o profeta persuadiu Deus a deter o fogo que destruiria a terra. O fogo é a seca (*Am* 1,2; 4,6-8) que devora tudo (*Jl* 1,19-20; 2,3). A intercessão é uma das funções específicas do ministério profético (*Gn* 20,7; 2 *Mc* 15,14; *Jr* 15,1.11; 18,20; *Ez* 9,8; *Dn* 9,15-19). Mas quando o povo se obstina em seu pecado Deus não aceita mais a intercessão do profeta. Amós intercede apenas nas duas primeiras visões e cala-se nas seguintes. A terceira visão, a do fio de prumo, era a visão do juízo final. A intercessão do profeta foi permitida e ouvida pelo Senhor nas visões anteriores. No entanto, doravante, isso não será mais possível. O prumo servirá para provar e decidir. Para Amós, a obstinação de Israel em seu pecado o sentenciava à destruição. Deus nunca mais perdoaria o povo. Os santuários seriam destruídos e Deus levaria “a espada contra a casa de Jeroboão” (*Am* 7,9). A quarta visão é a do cesto de frutos maduros, simbolizando que Israel estaria pronto para ser destruído. Os próprios cânticos do templo seriam como lamentos pelos que maltratam os pobres, que procederam dolorosamente com balanças enganadoras e que vendem o trigo com casca. Entretanto, os sobreviventes deveriam fazer penitência, vestindo sacos e raspando a cabeça em sinal de luto. Segundo Amós, as pessoas sentirão sede de ouvir as palavras do Senhor e irão de um lugar a outro para buscá-las, mas cairão e não levantarão

<sup>24</sup> O Império Assírio usava a política de deportação (das elites). Traziam ainda às regiões conquistadas outras populações do Império. Acabavam com o nacionalismo, extinguíam o protagonismo dos seus líderes. O Império Assírio vai perdendo poder até 722/721 a.C. com um consequente fortalecimento do Reino do Norte: Damasco (Síria) e Efraim (Norte). A guerra explode contra a dominação Assíria que acaba com a queda de Samaria, capital do Reino do Norte e a consequente deportação Assíria, com a repovoação do Reino do Norte. O milagre econômico do Norte (crise enfrentada por Amós) provavelmente fez com que este levantasse o nariz para se opor ao domínio estrangeiro, o que acabou no fracasso.

<sup>25</sup> Cf. CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 143.





mais. A queda de Samaria é anunciada por Amós como o resultado dos pecados e da infidelidade do povo de Israel, da injustiça social, da infidelidade à Aliança com Iahweh. Sendo assim, a calamidade se estabelecerá e todos os pecadores perecerão pela espada (*Am 9,7-10*). Amós afirma que os pecadores serão castigados e os justos salvos assim como a peneira retém os grãos (os justos) enquanto a palha (os pecadores) é eliminada: “Sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, sem que caia um grão por terra” (*Am 9,9*). A catástrofe atingirá somente os pecadores. Na quinta visão, Amós viu Iahweh ordenando a destruição do templo, provavelmente uma referência ao templo de Betel. Os que não morressem pela queda do templo, seriam mortos pela espada. Ninguém poderia fugir da ira de Deus, nem mesmo se escondendo no cume do Monte Carmelo ou no fundo do mar (*Am 9,3*), e mesmo no cativeiro, Deus ali daria ordens para que fossem mortos (*Am 9,4*).<sup>26</sup>

## 6 Perspectivas de restauração

Amós anuncia também um oráculo de restauração (*Am 9,11-15*). Alguns exegetas afirmam que estes versículos não são de autoria de Amós, pelo fato de não concordarem com o conjunto da obra e por destoarem do tema da profecia de que Israel seria completamente destruído. No entanto, alguns autores defendem, com argumentos ponderados, a autenticidade do trecho, no sentido de que, a última palavra da profecia não é destruição, mas restauração/salvação. As promessas do futuro compreendem: a restauração do Reino davídico (vv. 11-12), a prosperidade material (vv.13-14) e a ocupação sem fim da pátria reconquistada (v. 15). É uma felicidade messiânica, uma passagem que parece ser um acréscimo tardio, uma intuição acrescentada posteriormente aos oráculos de Amós. Talvez seja, de fato, um adicional posterior, fruto da consciência da herança e promessa da Aliança e do Êxodo. Alguém, possivelmente o próprio Amós, acrescentou mais tarde ao sermão, “contudo não quero suprimir totalmente a casa de Jacó” (*Am 9,8*), depois do povo de Judá ter regressado do cativeiro. Nessa perspectiva, a linhagem de Davi seria reerguida e o exílio seria considerado como uma disciplina, e não apenas como uma punição. A promessa é de um novo começo marcado

<sup>26</sup> Cf. CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 148; SLOAN, W.W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 222.



pela restauração da prosperidade econômica e política e sinalizado, por exemplo, pela abundante produção das vinhas.<sup>27</sup>

No seu livro, Amós começa profetizando a respeito da conduta do povo para depois se apresentar como sentinela da história, interpretando o sentido dos fatos históricos presentes ou iminentes dentro de uma mensagem de transcendência, na perspectiva da revelação divina. Daí vem a acusação dos pecados do povo e o conseqüente anúncio do castigo. Contudo, não termina aí a ação profética. A promessa é o momento mais alto da profecia. Ainda pode haver futuro para um “resto” (*Am* 5,15) salvo, expressão essa que aparece como uma tênue esperança de que em meio ao julgamento, alguns do povo se convertam e procurem sinceramente a Deus.

## Conclusão

Os ensinamentos éticos de Amós a respeito do verdadeiro culto que agrada a Deus abrem caminho para uma compreensão mais ampla da revelação de Deus na história. Amós faz uma crítica às disposições extremamente incoerentes dos fiéis de sua época ao tomarem parte no culto. Na perspectiva de Amós, a religião não deve ignorar a justiça e a retidão como normas de vida. Atualmente, os tempos são outros, mas as engrenagens e os mecanismos de moer vidas continuam em plena atividade. O alerta profético de Amós continua a vigorar ainda hoje diante de inúmeros questionamentos morais e sociais que se lançam em relação à coerência e à integridade na prática da fé. Por isso, Amós pode ser considerado como um *profeta inquietador*, cuja mensagem não cessa de advertir as pessoas quanto às exigências de conciliação entre religião e justiça. Tais ensinamentos são um tormento para as consciências tranquilas, anestesiadas pela alienação sócio-política vigente e manipuladas pelos interesses econômicos dominantes.<sup>28</sup>

A voz de Amós ressoa num tempo em que convivem a fartura para poucos e a carência para muitos. Como todo profeta do Antigo Testamento, Amós é um *profeta da crise*, e como tal, faz seus interlocutores pensarem. O profeta encara a crise em sua realidade mais visceral,

<sup>27</sup> Cf. CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*, p. 175; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 88; SLOAN, W.W. *Panorama do Antigo Testamento*, p. 223.

<sup>28</sup> Cf. MONLOUBOU, L. *Os profetas do Antigo Testamento*, p. 40; MOREIRA, Gilvander Luis. *A Bíblia respira profecia*, p. 67; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 101.



confrontando-a com os valores propostos por Deus na Aliança. Nesse sentido, Amós é um *profeta da autenticidade*, pois não foge do chão da existência, discernindo os caminhos mais autênticos de uma vida íntegra e liberta de todas as alienações culturais, religiosas e ideológicas que estão no substrato das situações de domínio e espoliação daqueles que estão à margem da sociedade. Toda a pregação de Amós é um apelo enérgico a aderir aos valores religiosos verdadeiros, ao culto sincero e à prática efetiva da justiça. Sendo assim, a fidelidade à verdade é uma atitude fundamental que faz toda a diferença. Para Amós, toda a história está sob a iminência do julgamento divino. A infidelidade e o pecado, enquanto promotores de situações de injustiça, precisam passar necessariamente pelo crivo da denúncia, no sentido de que necessitam urgentemente de correção, pois geram consequências destrutivas.<sup>29</sup>

Amós, como um *profeta inoportuno*, desmascara os resultados nefastos do milagre econômico no Reino do Norte, enfrentando a política injusta de Jeroboão II. Denuncia uma religião falsa, puramente formal e exterior. Para Amós, o verdadeiro culto a Iahweh precisa ser traduzido na prática da justiça. Uma religiosidade falsa e alienante legitima a opressão dos pobres e dos fracos, e sustenta ideologicamente o poder hegemônico das elites ricas e opulentas. O que os olhos comuns interpretam como desenvolvimento e prosperidade, riqueza e abundância, os olhos proféticos entendem como violência, opressão e injustiça social. Nesse sentido, os profetas abrem os olhos do povo para a realidade social em vigor, para que se perceba que o aparecimento do pobre é sinal de que alguém quebrou a Aliança e usurpou dos bens sociais. A riqueza tem sua origem duvidosa quando aliena multidões de uma vida digna. Uma política injusta gera miséria e exploração. Amós propõe uma profunda experiência de Deus que liberte as pessoas do jugo da escravidão e estabeleça um novo estilo de convivência social nos moldes da Aliança, pois Amós tem a certeza de que a força libertadora de Deus está sempre atenta às situações de injustiça que assolam o seu povo.<sup>30</sup>

Em suma, Amós como os demais profetas bíblicos mostram que o grande gênero literário da Sagrada Escritura é a história. O Deus que os profetas anunciam é o Deus da vida que opera na história e quer a

<sup>29</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*, p. 99; BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*, p. 55-56; *Id. Ibid.*, p. 103-104.

<sup>30</sup> Cf. AMSLER, S.; et al. *Os profetas e os livros proféticos*, p. 23; LACY, J. M. Abrego de. *Os livros proféticos*, p. 70.



justiça e a vida para o seu povo. Deus se insere na concretude da vida humana, tornando-a história da salvação. Amós alerta que é preciso sair de uma religião idolátrica e manipulável. Sem uma religião que busque de fato a edificação da justiça social, cai-se necessariamente na idolatria e na transgressão da dignidade humana. Sendo assim, Amós pode ser considerado como um *profeta do humanismo integral*, pois, para ele, a procura de Deus precisa estar conjugada com um empenho efetivo para *transformar o mundo*, a fim de torná-lo melhor, mais humano e mais divino, sendo assim possível *transformar o humano*. Para Amós, é necessário desinstalar as estruturas que desumanizam para alcançar a verdadeira vida, optando pelo bem e evitando o mal (*Am 5,4.14*), com o intuito de superar sistemas de opressão e de morte e edificar uma sociedade renovada de acordo com a vontade divina.

## Referências

AMSLER, S.; et al. *Os profetas e os livros proféticos*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1992.

BALANCIN, Euclides; STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Amós: a denúncia da injustiça social*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*. Trad. Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1983.

BORN, A. Van Den (Org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1985.

CHARPENTIER, Etienne. *Para uma primeira leitura da Bíblia*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1980.

CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

DONNER, Herbert. *História de Israel: e dos povos vizinhos*. Vol. 2: da época da divisão do reino até Alexandre Magno. 2. ed. Trad. Claudio Molz; Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

DREHER, Carlos Arthur. *Os exércitos do Reino do Norte: sua constituição, suas funções e seus papéis políticos no conflito social no sistema tributário, segundo distintas avaliações na literatura veterotestamentária*.



Tese (Doutorado em Teologia), Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. Trad. Monika Ottasmann. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. 2. ed. Trad. Josué Xavier; Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1985.

LACY, J. M. Abrego. *Os livros proféticos*. São Paulo: Ave Maria, 1998.

MONLOUBOU, L. *Os profetas do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1986.

MOREIRA, Gilvander Luis. A Bíblia respira profecia: “se calarem a voz dos profetas...”. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 43-70, jan./jul. 2012.

NORDEN, Rudolph F. *Amós: porta-voz da justiça social*. Trad. Elmer Flor. Porto Alegre: Concórdia, 1988.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

REIMER, Haroldo. *O antigo Israel: história, textos e representações*. São Paulo: Fonte; Anápolis: UEG, 2017.

SANTANA, Aparecido Neris. *A questão social em Amós à luz dos povos: um estudo a partir de Amós 3,9-11*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2004.

SANTOS, Jeová Rodrigues dos. A importância do movimento profético diante da injustiça em Israel. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 172-181, abr./jun. 2018.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE, José Luís Diaz. *Profetas: Comentário I*. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 1987.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013.



SICRE, José Luís Diaz. *A justiça social nos profetas*. Trad. Carlos Feliciano da Silveira. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. *Com os pobres da terra: a justiça social nos profetas de Israel*. Trad. Carlos Feliciano da Silveira. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Trad. João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SLOAN, W. W. *Panorama do Antigo Testamento*. Trad. Emílio de Carvalho. Porto alegre: Empresa Gráfica Metrôpole S. A., 1957.

STIGERS, Harold G. “Tsadeq, ser justo, ser reto”. In: HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio L. Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Aste; Targumim, 2006.

WOLFF, Hans Walter. *Bíblia, Antigo Testamento: Introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. Trad. Dulcemar Silva Maciel. São Paulo: Paulinas, 1978.

ZILLES, Urbano. A Bíblia e a ciência. In: MINCATO, Ramiro (Org.). *Bíblia: ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST, 2007, p. 18-28.